

## **Corpos que não podem chorar: afetos interditados e a negação das subjetividades das masculinidades negras**

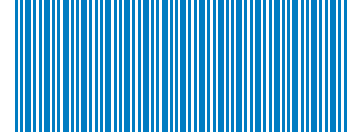
### **Bodies That Cannot Weep: Forbidden Affects and the Denial of Black Masculinities' Subjectivities**

*Guilherme da Silva Pereira*, Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA), realiza pesquisas sobre masculinidades, relações étnico-raciais e educação. Atua com rodas de conversas em contextos comunitários.

Contato: Gui\_wilian3@hotmail.com

#### **Resumo**

Este artigo analisa como o racismo opera como um modo de produção de ausências, repressões e silenciamentos afetivos nas trajetórias de homens negros no Brasil. A partir de uma abordagem interseccional que articula raça, gênero e classe, investigam-se a crise da afetividade e a negação da subjetividade nas masculinidades negras como efeitos históricos e estruturais do racismo. O estudo parte do pressuposto de que o racismo não atua apenas como força de exclusão, mas como tecnologia social que molda afetos, subjetividades e imaginários. Adota-se a análise crítica do discurso como método, inspirado na noção de escrevivência, de Conceição Evaristo, entendendo a linguagem como prática política de reescrita e reposicionamento das subjetividades negras. Além de referenciais teóricos de autoras e autores como Lélia Gonzalez, bell hooks, Neusa Santos Souza, Grada Kilomba e Milton Ribeiro. O objetivo geral é compreender como o racismo molda modos de ser, sentir e existir das masculinidades negras no Brasil contemporâneo. Defende-se, ao final, que a reconstrução de narrativas sobre o homem negro passa pelo reconhecimento da afetividade como dimensão política, reparadora e fundamental para a reumanização das relações raciais e de gênero.



Palavras-chave: Masculinidades negras. Afetividade. Racismo estrutural. Subjetividade. Representações sociais.

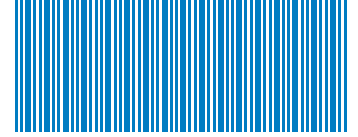
## Abstract

This article analyzes how racism operates as a mode of producing absences, repressions, and affective silencing in the life trajectories of Black men in Brazil. Using an intersectional approach that articulates race, gender, and class, it investigates the crisis of affectivity and the denial of subjectivity in Black masculinities as historical and structural effects of racism. The study assumes that racism functions not only as a force of exclusion but also as a social technology that shapes emotions, subjectivities, and imaginaries. Critical discourse analysis is adopted as the methodological framework, inspired by Conceição Evaristo's notion of "escrevivência", which presents language as a political practice of rewriting and repositioning Black subjectivities. The discussion also draws on the theoretical contributions of authors such as Lélia Gonzalez, Bell Hooks, Neusa Santos Souza, Grada Kilomba, and Milton Ribeiro. The general objective is to understand how racism shapes the ways of being, feeling, and existing in consideration to Black masculinities in contemporary Brazil. The article argues that reconstructing narratives about Black men requires recognizing affectivity as a political, reparative, and essential dimension for the rehumanization of racial and gender relations.

Keywords: Black masculinities. Affectivity. Structural racism. Subjectivity. Social representations.

## Introdução: Quando sentir é um risco

A masculinidade, como construção social, tem sido historicamente associada a atributos como força, racionalidade e controle emocional. Essa concepção hegemônica, enraizada em padrões patriarcais e eurocêntricos, molda as expectativas sociais sobre o que significa ser homem, impondo um ideal de virilidade que muitas vezes reprime a expressão de vulnerabilidades e afetos. No entanto, quando essa lente é aplicada à experiência de homens negros, as nuances e complexidades se aprofundam

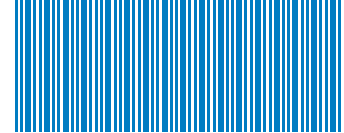


exponencialmente, revelando um cenário onde a negação da subjetividade e a crise do afeto se manifestam de maneira particularmente aguda e dolorosa. Este artigo propõe-se a analisar as intrincadas e interseccionais relações entre raça, gênero, subjetividade e afetividade no contexto brasileiro, com foco nas masculinidades negras, buscando desvelar as camadas de silenciamento, invisibilidade e sofrimento que permeiam suas vivências, analisando quando “sentir” se torna um risco.

O corpo negro masculino carrega uma herança histórica marcada pela dor, pelo silêncio e pela negação de sua subjetividade. A sociedade brasileira, fundada sobre os alicerces do colonialismo, da escravidão e do racismo estrutural, produziu um sistema simbólico e material que desumaniza os homens negros, reduzindo-os ora à força bruta, ora à hipersexualização, ora à marginalidade. Nesse contexto, o racismo não atua apenas como estrutura excludente, mas como um modo sistemático de produção de afetos interditados, silenciamentos emocionais e subjetividades feridas.

Este artigo parte do reconhecimento de que a masculinidade negra é forjada sob cerco – pressionada por múltiplos dispositivos sociais que naturalizam a dureza, reprimem a vulnerabilidade e dificultam a construção de uma afetividade plena e legítima. A afetividade, como dimensão fundamental da experiência humana, tem sido historicamente negada aos homens negros por meio de uma “pedagogia da dureza” e do distanciamento emocional, reforçada em espaços como a escola, a mídia, os aparelhos de segurança e até mesmo nas dinâmicas interpessoais.

A partir de uma perspectiva interseccional e crítica, ancorada nos referenciais teóricos de Lélia Gonzalez, bell hooks, Neusa Santos Souza, Grada Kilomba e Milton Ribeiro, entre outros, este artigo compreende o racismo não apenas como um sistema de exclusão, mas como uma tecnologia social de produção de subjetividades, afetos e significados. Inspirado nas contribuições dessas autoras e autores, entende-se que o racismo estrutura modos de sentir, pensar e existir, operando como um dispositivo histórico que produz ausências, forja durezas, regula emoções e naturaliza violências. Ao modelar masculinidades negras sob o signo da contenção e da resistência, o racismo institui o silêncio afetivo como norma e desumaniza emocionalmente esses corpos. Trata-se, portanto, de rastrear criticamente os efeitos desse regime de poder sobre as subjetividades negras, evidenciando

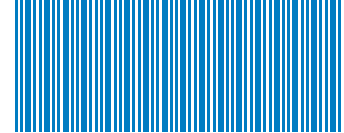


que a afetividade é também um campo de disputa política, e que sua revalorização constitui um gesto de reumanização e reconhecimento na luta contra as hierarquias raciais e de gênero.

Ao tensionar essas dimensões, busca-se construir uma reflexão que ultrapasse a denúncia e a patologização do sofrimento negro. Para tanto, propõe-se como objetivo geral compreender o racismo, como tecnologia social e afetiva, bem como ele incide sobre a construção das masculinidades negras no Brasil contemporâneo, moldando modos de ser, sentir e existir. De modo mais específico, propõe-se: (1) analisar como os discursos raciais e de gênero presentes nas instituições – especialmente na escola e na mídia – contribuem para a naturalização do silêncio afetivo entre homens negros; (2) discutir as implicações dessa contenção emocional na saúde mental e nas formas de sociabilidade; e (3) evidenciar experiências e narrativas que afirmam o afeto e a vulnerabilidade como dimensões políticas e emancipadoras da identidade negra masculina. Pretende-se, portanto, reivindicar a possibilidade de novas narrativas sobre o ser homem negro, narrativas que reconheçam o afeto como direito, a vulnerabilidade como potência e a subjetividade como território legítimo de reconstrução e existência plena.

Para alcançar esses objetivos, o artigo utiliza uma abordagem qualitativa de natureza teórico-analítica e interseccional. O método adotado é a análise crítica do discurso, que permite compreender como as ideias de raça, gênero e classe se cruzam e produzem sentidos sobre as masculinidades negras no Brasil. Essa escolha metodológica parte do entendimento de que o discurso é um espaço onde o racismo atua e se reproduz, mas também onde é possível construir resistências e novas formas de existir. Nessa perspectiva, o discurso é compreendido como lugar de reescrita e reposicionamento das subjetividades negras, em sintonia com a noção de *escrevivência*, proposta por Conceição Evaristo – uma escrita que emerge das experiências vividas e que reinscreve a memória, o corpo e a voz como práticas de resistência. Ao refletir sobre a representação dos homens negros, Evaristo (2020) afirma:

essa reflexão orienta a análise aqui proposta, ao reconhecer que compreender o discurso é também um ato político de reinscrever o homem negro como sujeito de humanidade, emoção e protagonismo. Assim, a análise combina teoria e dados empíricos para interpretar como o racismo afeta emocionalmente e simbolicamente os homens negros (Evaristo, 2020, pp. 43 e 44).



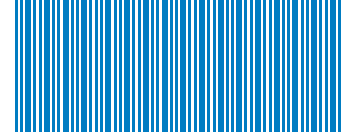
Os dados utilizados são secundários, ou seja, já produzidos por outras instituições e pesquisas. Foram selecionadas fontes que ajudam a entender tanto os aspectos estruturais (como violência, educação e saúde) quanto os afetivos e simbólicos. Entre elas estão: o *Atlas da Violência* (edições de 2018, 2021 e 2023), do IPEA e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública; os dados da PNAD Contínua – Educação 2022 (IBGE); o estudo *O Silêncio dos Homens* (2019), do Instituto Papo de Homem; a *Política Nacional de Saúde Integral da População Negra* (Portaria nº 992/2009, do Ministério da Saúde); e o relatório *Solidão e Fragmentação* (Geledés, 2024).

Esses dados foram analisados de forma crítica e interpretativa, buscando identificar o que eles revelam – e também o que silenciam – sobre as experiências afetivas e subjetivas dos homens negros. O trabalho de análise consistiu em ler, comparar e interpretar os discursos presentes nesses documentos, relacionando-os com o referencial teórico do campo das relações raciais, de gênero e da afetividade negra. O objetivo foi compreender como o racismo atua como uma tecnologia social que produz ausências, impõe durezas emocionais e desumaniza corpos negros, mas também como os sujeitos têm construído resistências e novas narrativas de reumanização.

Sendo assim, o artigo está estruturado em cinco eixos temáticos que funcionam como categorias para as análises que serão feitas, sendo eles: o racismo como modo de produzir ausências; o racismo como modo de produzir dureza emocional; o racismo como modo de produzir masculinidades pela violência; o racismo como modo de produzir silêncio emocional; o racismo como modo de produzir desumanização midiática; e, por fim, as considerações finais. Esses eixos organizam a leitura crítica dos dados e sustentam a argumentação em torno da centralidade da afetividade na reumanização das masculinidades negras.

### **O racismo como modo de produzir ausências: afetividade, masculinidades e negritude**

A compreensão da crise do afeto nas masculinidades negras requer um mergulho cuidadoso em três dimensões interligadas: a construção social da negritude, a pluralidade das masculinidades e a historicidade das experiências afetivas de homens negros no Brasil. Nesse sentido, é fundamental adotar uma abordagem



interseccional que considere as múltiplas camadas de opressão e resistência que marcam essas trajetórias.

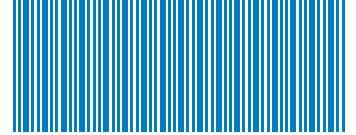
No contexto brasileiro, a negritude ultrapassa a mera categorização fenotípica ou identitária para se afirmar como uma categoria política e epistêmica. Longe de ser uma essência fixa, a negritude constitui-se como um processo histórico e cultural, atravessado pelas violências da diáspora africana, pela experiência colonial e pelas estratégias contínuas de resistência e reinvenção subjetiva. Lélia Gonzalez (2019), uma das intelectuais negras mais proeminentes da América Latina, enfatiza que o racismo estrutural brasileiro opera pela tentativa sistemática de silenciamento e desumanização dos sujeitos negros. Ela denuncia o modo como a cultura brasileira historicamente infantiliza e objetifica os corpos negros, impedindo-os de serem reconhecidos como sujeitos de fala e de desejo. Para Gonzalez,

exatamente porque temos sido falados, infantilizados (*infans* é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa (Gonzalez, 2019, p. 220).

Esse gesto de assumir a fala representa, para a autora, um rompimento epistemológico com as estruturas de poder que definiram, por séculos, os lugares possíveis para corpos negros na sociedade. A negritude, portanto, se apresenta como uma produção ativa de conhecimento, uma resistência ontológica e um espaço de *reexistência* diante da hegemonia eurocêntrica. Beatriz Nascimento (1990) amplia essa perspectiva ao compreender a negritude como um elo ancestral, um campo de memória coletiva que desafia a epistemologia colonial ao reconstituir trajetórias de humanidade negadas. Nascimento afirma que

ser negro não é apenas um dado biológico, é um pertencimento político e histórico que remete à ancestralidade africana e às formas de organização social que resistiram e resistem ao genocídio físico e cultural (Nascimento, 1990, p. 45).

Essa abordagem nos permite reconhecer que a construção das masculinidades negras também é um campo de disputa política, no qual a subjetividade e o afeto são constantemente tensionados entre a negação histórica e os esforços de autoafirmação. Ao analisar as masculinidades, é imprescindível romper com as leituras universalizantes. As contribuições de bell hooks (2022; 2023) são fundamentais nesse sentido. Para a autora, a

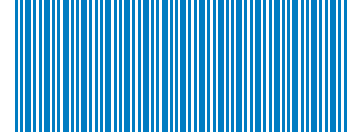


masculinidade hegemônica, construída sob os pilares da violência, da repressão emocional e da negação da vulnerabilidade, afeta homens de todas as raças, mas atinge de maneira ainda mais brutal os homens negros, uma vez que o racismo adiciona camadas de desumanização e hipervisibilidade negativa a essa experiência. bell hooks (2023) defende que a construção de novas formas de masculinidade é um processo libertador não apenas para as mulheres, mas para os próprios homens, especialmente aqueles racializados.

Alex Ratts (2011) ao discutir as especificidades das masculinidades negras, reforça a necessidade de abordagens interseccionais que considerem como os marcadores de raça, classe, sexualidade e território configuram experiências masculinas profundamente distintas da norma hegemônica branca. A negação das subjetividades negras, particularmente no que se refere aos afetos, é um dos mecanismos mais sutis e devastadores do racismo estrutural. Lélia Gonzalez (2019) aponta que essa negação não é fruto do acaso, mas parte de um projeto histórico de desumanização. Para ela, “a primeira coisa que a gente percebe nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. [...] Portanto têm mais é que ser favelados” (Gonzalez, 2019, p. 221). Essa construção naturalizada do lugar do negro, associada à criminalidade, à pobreza ou à hipersexualização, priva os homens negros da possibilidade de serem reconhecidos como sujeitos afetivos, capazes de sentir, amar e sofrer.

Beatriz Nascimento (1990), em seus escritos sobre a mulher negra e o amor, embora centrada na experiência feminina, oferece pistas preciosas para refletirmos sobre a negação do afeto também nas masculinidades negras. Segundo Nascimento (1990), “a experiência amorosa da população negra é marcada pela negação, pela invisibilidade e pela dificuldade de reconhecimento mútuo, como se o amor entre os nossos fosse um gesto de resistência”. Expandindo essa leitura para os homens negros, podemos afirmar que o direito ao afeto se torna, para eles, uma luta contra o silenciamento emocional imposto pelo racismo e pelo machismo.

Por fim, a crise do afeto nas masculinidades negras é inseparável da crise da subjetividade. Os homens negros, ao mesmo tempo que resistem aos estigmas e estereótipos que os confinam, enfrentam o desafio de reinventar-se como sujeitos plenos, capazes de experimentar o amor, o cuidado e a vulnerabilidade sem que isso seja interpretado como sinal de



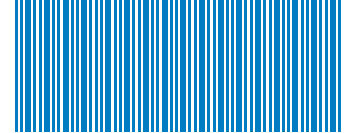
fraqueza. Como destaca Cida Bento (2022), o pacto narcísico da branquitude opera como um dispositivo que reforça a exclusão afetiva dos corpos negros, dificultando ainda mais a construção de uma afetividade negra livre e decolonizada.

### **O racismo como modo de produzir dureza: subjetividades negras sob cerco**

A negação da dor e da vulnerabilidade nas masculinidades negras não é um fenômeno casual ou individualizado. Trata-se de um processo social e histórico de construção de subjetividades que, ao longo dos séculos, associou o homem negro à imagem da força inabalável, da resistência física extrema e da insensibilidade emocional. Essa construção é um dos pilares da desumanização operada pelo racismo estrutural brasileiro. Como aponta Lélia Gonzalez (2019), a estrutura racista da sociedade brasileira não apenas exclui o sujeito negro dos espaços de poder, mas também o define a partir de estereótipos que o reduzem a uma existência corporalizada e subalternizada, o que inclui o apagamento de suas dimensões emocionais e afetivas.

Essa “naturalização” da dor negra transforma o sofrimento em algo invisível ou até esperado. A imposição histórica de uma masculinidade baseada na dureza não apenas compromete a expressão da vulnerabilidade, mas também reforça um ciclo de silenciamento emocional. A autora bell hooks, ao discutir os impactos da masculinidade hegemônica, argumenta que homens negros aprendem a disputar espaço com homens brancos através de uma possível ascensão social (hooks, 2022, p. 69) que, para homens negros, acaba sendo agravada por séculos de violência racial e exclusão.

Dados oficiais reforçam a gravidade do problema. Segundo o *Atlas da Violência 2021*, produzido pelo IPEA e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os jovens negros do sexo masculino representam cerca de 77% das vítimas de homicídio no Brasil, o que evidencia uma relação direta entre raça, gênero e violência (IPEA; FBSP, 2021). Essa cifra alarmante não apenas denuncia o genocídio da juventude negra, mas também revela os efeitos emocionais e simbólicos que esse cenário produz sobre os homens negros sobreviventes, obrigados a conviver cotidianamente com a perda, o medo e o luto.



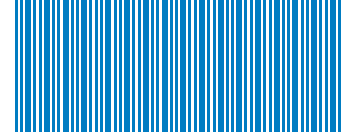
Nesse contexto, a análise do discurso, inspirada na escrevivência, de Conceição Evaristo, permite compreender que narrar e interpretar a violência é também um ato de posicionamento ideológico. Para Evaristo (2020), escrever, e, por extensão, discursar, é sempre um gesto político que rompe o silenciamento histórico imposto às populações negras. Sua escrita propõe um deslocamento do olhar: não se trata apenas de denunciar a exclusão, mas de afirmar outras formas de existência e humanidade. Assim, o discurso torna-se um território de insurgência, onde as experiências negras são reinscritas não como falta, mas como potência e memória coletiva.

Ao articular essa perspectiva com os dados da violência, compreende-se que cada número não é apenas uma estatística, mas um vestígio discursivo de um país marcado por narrativas que desumanizam. A postura ideológica que Evaristo (2020) convoca a uma leitura ética e afetiva desses discursos, uma leitura que reconheça a materialidade das palavras e das vidas que elas representam.

No campo da saúde mental, o quadro não é menos preocupante. Embora os sistemas de informação em saúde, como o DATASUS, ainda apresentem limitações na produção de dados com recorte por raça e gênero de forma sistemática, estudos como o de Silva et al. (2024) indicam que pessoas negras são mais vulneráveis a desenvolver transtornos psicológicos devido a exposições constantes ao racismo, à pobreza e à violência urbana. Esses fatores de risco são ainda mais acentuados entre homens negros, cuja busca por atendimento psicológico é dificultada por barreiras institucionais e culturais, como a falta de profissionais capacitados para o atendimento antirracista e o estigma de que “homens negros devem ser fortes”.

O reconhecimento oficial dessa realidade só começou a ganhar visibilidade com a instituição da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (Portaria nº 992/2009). No entanto, como destaca Almeida (2019), a implementação dessa política enfrenta desafios estruturais, sendo limitada por cortes orçamentários e pela falta de formação adequada dos profissionais da saúde sobre as especificidades do sofrimento psíquico da população negra.

O impacto dessas condições é cumulativo. Segundo a pesquisa realizada por Bento et al. (2012), homens negros têm menos acesso a tratamentos de saúde mental, maior incidência de ideação suicida e quadros mais graves de sofrimento emocional quando



comparados a homens brancos. Esses dados evidenciam que a masculinidade negra não é apenas um campo de produção de identidades, mas também um espaço de sofrimento socialmente fabricado e historicamente negligenciado.

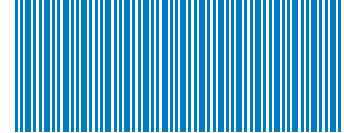
A manutenção da imagem do homem negro como insensível ou invulnerável funciona como um dispositivo de controle social. Essa lógica impede a construção de espaços de cuidado emocional, fazendo com que a dor e o sofrimento sejam vivenciados no silêncio e na solidão. Como aponta Neusa Santos Souza (1983), a subjetividade negra é construída num cenário de constante negação, em que o sujeito negro é ensinado a se reconhecer “como alguém a quem não é permitido sentir” (Souza, 1983, p. 45). Romper com esse ciclo exige mais do que políticas públicas: requer uma transformação cultural que reconheça a legitimidade da dor negra e que construa alternativas para a expressão emocional dos homens negros, sem que isso represente uma ameaça à sua dignidade ou masculinidade.

### **O racismo como modo de produzir masculinidades pela violência: afetos sob ameaça**

O corpo negro, desde os tempos coloniais, tem sido historicamente marcado como alvo legítimo da violência no Brasil. Essa marca atravessa séculos e continua operando de maneira brutal sobre homens negros, tanto no plano físico quanto no simbólico. A construção das masculinidades negras, nesse contexto, está intrinsecamente ligada a uma pedagogia da dor e da sobrevivência, que molda subjetividades a partir da constante exposição à violência, da vigilância social e do medo da morte.

O *Atlas da Violência 2023* revela que 76,9% das vítimas de homicídio no Brasil são pessoas negras, sendo que a maioria dessas vítimas são homens jovens (IPEA; FBSP, 2023). Esses números não são apenas estatísticas frias: eles refletem uma política de morte racializada, estruturada por práticas de necropolítica (Mbembe, 2018), que elegem os corpos negros como descartáveis.

Milton Ribeiro (2020), ao discutir as “imagens de controle” que recaem sobre os homens negros, aponta que o racismo brasileiro produziu uma narrativa social na qual o homem negro aparece como o “sujeito truculento, desordenado e politicamente ineficaz” (Ribeiro, 2020, p. 65). Essa construção estigmatizante justifica,



por meio de um discurso de criminalização e de animalização, o extermínio físico e simbólico de homens negros. Como afirma o autor,

os homens pretos terão suas imagens controladas pelas figuras dos militantes sem rigor analítico; de suas falas serão destacados os gritos desordenados e não os argumentos organizados, eles serão os 'brigões informais' que não convencem (Ribeiro, 2020, p. 65).

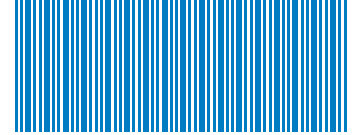
Esse processo não apenas legitima a violência policial e a exclusão social, mas também atua psicologicamente na conformação de masculinidades marcadas pela dureza e pela contenção emocional. Homens negros, para sobreviver, aprendem a performar uma masculinidade de resistência, pautada muitas vezes pela agressividade, pela repressão dos afetos e pela desconfiança em relação ao mundo ao redor. Milton Ribeiro também alerta para os mecanismos midiáticos que reforçam esses estigmas, ao afirmar que “o homem negro é constantemente alvo das várias modalidades de racismo: econômico, recreativo e estrutural” (Ribeiro, 2020, p. 119).

Esse cenário cria uma prisão emocional, onde a necessidade de proteção pessoal e coletiva força a adoção de uma masculinidade rígida, como um escudo contra a violência cotidiana. O que começa como uma resposta adaptativa à opressão rapidamente se converte em um ciclo de sofrimento psíquico, isolamento afetivo e reprodução de padrões de comportamento que reforçam ainda mais os estigmas raciais.

Essa masculinidade forjada sob o fogo cruzado da violência, da exclusão e do racismo estrutural torna urgente a construção de políticas públicas que articulem segurança, saúde mental e promoção de masculinidades negras mais livres e plurais. Mais que sobrevivência, trata-se de garantir a possibilidade de uma vida digna, na qual o homem negro possa ser reconhecido em sua plena humanidade e afetividade.

### **O racismo como modo de produzir silêncio emocional: a escola e o apagamento afetivo**

A escola, como instituição social, tem um papel central na formação de subjetividades. No entanto, para muitos jovens negros, especialmente meninos, a escola tem funcionado não

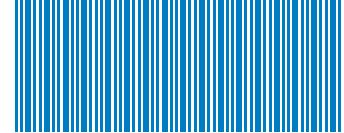


como espaço de acolhimento e desenvolvimento integral, mas como um ambiente reprodutor de desigualdades, violência simbólica e exclusão emocional. A construção da masculinidade negra passa, inevitavelmente, pelas experiências vividas no espaço escolar, onde o silenciamento afetivo é constantemente reforçado por práticas pedagógicas, currículos *eurocentrados* e relações professor-aluno atravessadas pelo racismo.

Os dados da PNAD Contínua 2022, divulgados pelo IBGE, evidenciam que apenas 61,8% dos jovens negros com 19 anos haviam concluído o Ensino Médio, enquanto o percentual entre jovens brancos era de 78,8% (IBGE, 2023). Essa diferença de quase 17 pontos percentuais explicita como o sistema educacional brasileiro continua sendo um dos principais reprodutores das desigualdades raciais. Essa evasão escolar precoce, como destaca Ribeiro (2020), é um dos primeiros mecanismos de exclusão simbólica que afetam as masculinidades negras. O autor observa que “a escola pública, especialmente nas periferias, é muitas vezes o lugar onde os meninos pretos começam a experimentar, de forma sistemática, a negação de suas potencialidades cognitivas e afetivas” (Ribeiro, 2020, p. 126).

Essa negação acontece de múltiplas formas: desde a falta de representatividade nos conteúdos curriculares, passando por práticas disciplinares racializadas, até a ausência de referências positivas de homens negros em posições de liderança educacional. Como aponta Nilma Lino Gomes (2017), o ambiente escolar opera frequentemente como um espaço de “epistemicídio”, no qual os saberes e as culturas negras são invisibilizados, contribuindo para o apagamento da identidade e da subjetividade dos estudantes negros.

Além da evasão, a escola se configura como um espaço de repressão emocional para os meninos negros. A cultura escolar, atravessada pelo machismo e pelo racismo, reforça o modelo da masculinidade hegemônica, pautada na insensibilidade, na força e na repressão dos sentimentos. Como alerta Neusa Santos Souza (1983), o processo de “tornar-se negro” implica lidar com a negação sistemática da própria humanidade e, no caso dos homens, com a expectativa de que sejam sempre fortes, resilientes e emocionalmente blindados. Essa construção se reflete no cotidiano escolar, em que expressões de tristeza, medo ou fragilidade são rapidamente reprimidas ou ridicularizadas.



Pesquisas como a de Paixão et al. (2019), sobre desigualdades raciais na educação, reforçam que jovens negros são mais expostos a punições disciplinares, mais frequentemente encaminhados para classes especiais e menos incentivados à continuidade dos estudos. Essa combinação de fatores fortalece o ciclo de exclusão emocional e simbólica, criando um ambiente escolar hostil para o desenvolvimento de uma masculinidade negra mais plural, afetiva e reflexiva. Milton Ribeiro (2020) também problematiza o lugar simbólico atribuído aos homens negros na escola e na sociedade. Em sua análise, ele afirma que,

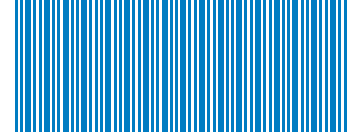
desde cedo, os homens negros são colocados no lugar da indisciplina, da violência ou da ignorância, sendo constantemente vigiados e punidos por comportamentos que, em outros corpos, seriam vistos como naturais ou aceitáveis (Ribeiro, 2020, p. 127).

Essa lógica de punição e vigilância contínua afeta diretamente a construção da subjetividade negra masculina, reforçando a crença de que o único caminho possível é o da dureza emocional. O resultado é uma masculinidade forjada sob a lógica da defesa constante, em que a expressão de afetos é vista como uma ameaça à própria sobrevivência social.

Romper com esse ciclo exige ações afirmativas no campo da educação que vão além da inclusão de conteúdos sobre história e cultura africana e afro-brasileira. É fundamental a implementação de práticas pedagógicas que acolham a expressão emocional dos meninos negros, que valorizem suas narrativas e que reconheçam suas subjetividades como legítimas e dignas de cuidado.

### **O racismo como modo de produzir desumanização: a mídia e a invisibilidade do homem negro**

A mídia, como agente formador de imaginários sociais, desempenha um papel determinante na cristalização de estereótipos raciais e de gênero. No caso dos homens negros, essa representação tem sido sistematicamente construída com base em imagens empobrecidas, reduzidas e violentamente desumanizadoras. Ao longo da história do audiovisual e da publicidade brasileira, o homem negro foi relegado a papéis secundários, muitas vezes associados ao perigo, à brutalidade, à hipersexualização ou à comicidade. Essa lógica narrativa não apenas invisibiliza sua complexidade humana, como também nega sua dimensão afetiva e emocional.

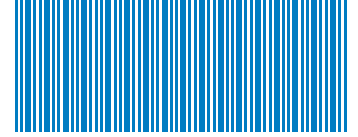


O estudo *O Silêncio dos Homens* (2019), realizado pelo Instituto Papo de Homem, revelou que 83% das mortes por homicídios e acidentes no Brasil são de homens e que, segundo os dados, os homens vivem sete anos a menos que as mulheres e se suicidam quase quatro vezes mais. Além disso, 17% lidam com algum nível de dependência alcoólica (Instituto Papo de Homem, 2019). Embora a pesquisa não traga recorte racial, seus resultados ganham contornos ainda mais dramáticos quando confrontados com a realidade dos homens negros, que já enfrentam barreiras estruturais e simbólicas para a expressão emocional.

O pesquisador Milton Ribeiro (2020) argumenta que a mídia e o sistema educacional brasileiro constroem uma imagem estereotipada do homem negro como alguém “incapaz de afeto e sem racionalidade”, o que o posiciona fora dos padrões de humanidade reconhecidos pela branquitude. Ele afirma que “o homem preto é excluído das imagens que envolvem o afeto, o cuidado, o amor e a intelectualidade. Ele é o corpo usado, é o corpo objeto” (Ribeiro, 2020, p. 123). Essa exclusão simbólica opera de forma silenciosa, mas extremamente eficaz, uma vez que não se limita ao campo da representação: ela impacta diretamente a constituição das subjetividades e das práticas afetivas dos homens negros. A ausência de figuras públicas negras que expressem emoções complexas, vivam relações afetivas estáveis ou cuidem de seus filhos, por exemplo, reforça a ideia de que tais experiências não são possíveis ou permitidas a esses sujeitos.

Como analisa Grada Kilomba (2019), o racismo não se expressa apenas por meio de insultos diretos ou da exclusão física, mas também por meio da produção do silêncio e do não dito. No caso das masculinidades negras, esse “não dito” recai especialmente sobre o campo dos afetos. Enquanto o homem branco pode ser representado como sensível, cuidadoso, romântico ou vulnerável, e ainda assim manter sua masculinidade intacta, o homem negro é frequentemente confinado a papéis que exigem dureza, silêncio e resistência.

Nesse sentido, a escrevivência, enquanto prática discursiva, oferece uma via metodológica para repensar o modo como os discursos sociais constroem e cristalizam identidades masculinas negras. Ao afirmar que escrever é também “um gesto político de existência”, Evaristo (2020) convida a compreender o discurso como campo de disputa e de reumanização. Produzir e analisar discursos sobre as masculinidades negras, portanto, implica romper com esse pacto de silenciamento e construir narrativas



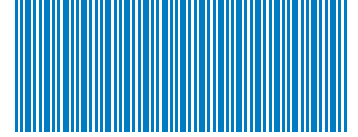
que devolvam complexidade, densidade emocional e historicidade aos corpos e afetos negros. Tal movimento não é apenas estético ou teórico, mas ético e epistemológico: trata-se de reinscrever os homens negros no campo do sensível e do humano, onde sempre estiveram, mas de onde foram sistematicamente deslocados.

Além disso, a associação histórica entre a hipersexualização dos homens negros e sua animalização simbólica permanece sendo alimentada pela publicidade, pela indústria pornográfica e por certos gêneros musicais que reforçam esses imaginários coloniais. Como explica bell hooks (2022), a erotização dos corpos negros é uma das formas mais eficazes de sua desumanização, pois retira deles a complexidade subjetiva e afetiva. “Em suas palavras, a [MOU1.1]cultura dominante trata os corpos negros como corpos sem alma, objetos de desejo, medo ou repulsa e altamente estereotipados mas raramente como sujeitos de sentimentos” (hooks, 2022, p. 79).

Portanto, a luta por uma representação mais justa e plural do homem negro na mídia é também uma luta por reconhecimento, por direito à subjetividade e por políticas de afetividade. É preciso multiplicar as imagens que o apresentam como pai, como amante sensível, como pensador, como amigo, como alguém que sofre, ama, cuida e é cuidado. Só assim será possível romper com o espelho distorcido da mídia e permitir que novas masculinidades negras possam emergir, mais humanas, afetivas e livres.

### **Considerações finais: masculinidades negras em busca de reconhecimento**

Neste artigo, buscou-se analisar as intrincadas e interseccionais relações entre raça, gênero, subjetividade e afetividade no contexto das masculinidades negras, desvelando as camadas de silenciamento, invisibilidade e sofrimento que atravessam suas vivências cotidianas. A afetividade, frequentemente compreendida como dimensão universal da experiência humana, é aqui problematizada como um campo marcado por disputas simbólicas e estruturas históricas de poder que operam para negar sua legitimidade aos homens negros. Ao longo da análise, estruturada em cinco eixos temáticos, procuramos demonstrar como o racismo atua na produção de ausências, na imposição da dureza emocional, na pedagogia da violência, no silenciamento afetivo no espaço escolar e na desumanização midiática. Tais dispositivos



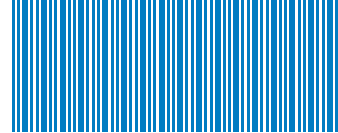
constroem um imaginário coletivo que restringe as possibilidades de expressão emocional dos homens negros, transformando o ato de sentir em um risco. Ao tornar visível essa dinâmica, o artigo reafirma a centralidade da afetividade como caminho de reumanização das masculinidades negras e de resistência aos regimes de desumanização que as atravessam.

A escola, a mídia e a “Invisibilidade Programática” do Estado atuam como vetores potentes na produção de uma masculinidade negra baseada na dureza, na força e na ausência de vulnerabilidade. Esse modelo, longe de ser uma escolha individual ou cultural, emerge como estratégia de sobrevivência num ambiente social marcado pelo racismo estrutural e pela constante ameaça à vida. No entanto, o que inicialmente parece um escudo protetor (a rigidez emocional, a contenção afetiva e a performatividade de uma masculinidade agressiva) transforma-se numa prisão subjetiva, que impede a construção de relações saudáveis, o acesso ao cuidado e a possibilidade de uma existência mais plena e humanizada.

A pesquisa recente do Geledés – Instituto da Mulher Negra (2024) sobre solidão e afetividade entre homens negros reforça o que se vem denunciando há décadas: a afetividade negra é sistematicamente negada ou distorcida por narrativas que associam os corpos negros à hipersexualização, ao perigo ou à indiferença. O resultado é um cenário em que os homens negros são desejados como corpos, mas rejeitados como sujeitos, relegados à condição de “objetos afetivos de uso provisório”, como diria Sueli Carneiro (2003), sem espaço para a reciprocidade emocional.

Reconhecer essa realidade é o primeiro passo para transformá-la. Isso exige, por um lado, o investimento em políticas públicas de saúde mental, educação antirracista e inclusão midiática que acolham e valorizem as subjetividades negras. Por outro, demanda uma ação epistemológica radical: a valorização dos saberes e experiências negras como legítimos e fundamentais para a reinvenção das formas de ser, de amar e de viver no mundo.

A construção de novas masculinidades negras, mais livres, afetivas, plurais e decolonizadas não é apenas um gesto de resistência individual, mas um projeto coletivo de reumanização. É necessário romper com o ciclo do silêncio e do sofrimento e criar possibilidades para que homens negros possam se reconhecer, se cuidar e se afetar mutuamente, sem que isso represente



uma ameaça à sua dignidade. O futuro das relações raciais no Brasil, assim como o próprio projeto democrático, passa por essa possibilidade: a de que todos os corpos, inclusive os corpos negros masculinos, possam amar e ser amados, sentir e ser sentidos, existir e ser reconhecidos em suas inteirezas e vulnerabilidades.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

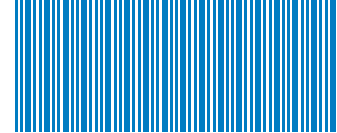
BENTO, Maria Aparecida Silva et al. Racismo e sofrimento psíquico: desafios para a política de saúde mental no Brasil. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 1, pp. 193–205, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 992, de 13 de maio de 2009. Institui a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 52, 14 maio 2009. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt0992\\_13\\_05\\_2009.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt0992_13_05_2009.html). Acesso em: 20 jan. 2026.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GELÉDÉS – INSTITUTO DA MULHER NEGRA. **Solidão e fragmentação: reflexões sobre a (auto)experiência afetiva de corpos negros**. São Paulo: Geledés, 2024. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/solidao-e-fragmentacao-reflexoes-sobre-a-autoexperiencia-afetiva-de-corpos-negros/>. Acesso em: 20 jan. 2026.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.



GOMES, Nilma Lino. **Movimento negro educador: saberes** construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidades**. São Paulo: Elefante, 2022.

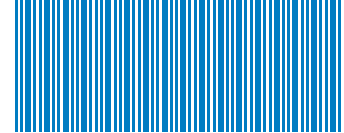
HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Bhuvi Libaneo. 21. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

IBGE. Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua): principais destaques da evolução do mercado de trabalho no Brasil 2012–2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: [https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilios\\_continua/Principais\\_destaque\\_PNAD\\_continua/2012\\_2022/PNAD\\_continua\\_retrospectiva\\_2012\\_2022.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Principais_destaque_PNAD_continua/2012_2022/PNAD_continua_retrospectiva_2012_2022.pdf). Acesso em: 20 jan. 2026.

INSTITUTO PAPO DE HOMEM. **O silêncio dos homens**. São Paulo: Instituto Papo de Homem, 2019. Disponível em: <https://osilenciadoshomens.com.br/>. Acesso em: 20 jan. 2026.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da violência 2018**. Brasília: Ipea, 2018. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/2757-atlasdaviolencia2018completo.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2026.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da violência 2021**. Brasília: Ipea, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2026.



INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da violência 2023**. Brasília: Ipea, 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9350-223443riatlasdaviolencia2023-final.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2026.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. São Paulo: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

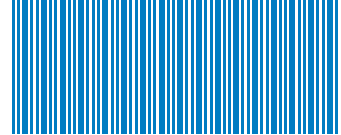
NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o amor. **Jornal Maioria Falante**, São Paulo: Geledés – Instituto da Mulher Negra, fev./mar. 1990. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-e-o-amor/>. Acesso em: 20 jan. 2026.

PAIXÃO, Marcelo; CARVANO, Luiz Marcelo (org.). **Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil: 2007–2008**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. Disponível em: [https://sites.utexas.edu/marcelo-paixao/files/2019/02/RADR\\_2007-2008.pdf](https://sites.utexas.edu/marcelo-paixao/files/2019/02/RADR_2007-2008.pdf). Acesso em: 20 jan. 2026.

RATTS, Alex. Corpos negros educados: notas acerca do movimento negro de base acadêmica. **Nguzu: Revista do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos**, Londrina, v. 1, pp. 28–39, 2011.

RIBEIRO, Milton. Eu decido se “cês vão lidar com King ou se vão lidar com Kong”: homens pretos, masculinidades negras e imagens de controle na sociedade brasileira. **Revista Humanidades & Inovação**, Araguaína, v. 7, n. 25, pp. 118–131, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4911>. Acesso em: 20 jan. 2026.

SILVA, M.M.; RIBEIRO, F.M.L.; SERPELONI, F. Violência armada, saúde mental e racismo: reflexões a partir do caso do Rio de Janeiro. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 28, e230517, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.230517>. Acesso em: 20 jan. 2026.



SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

Recebido em: 20/10/2025

Aceito em: 23/01/2026

